

SAMORA MACHEL

**A VITÓRIA
DO POVO
DO ZIMBABWE
É FRUTO
DA LUTA ARMADA,
DA UNIDADE E DO
INTERNACIONALISMO**

16

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL

**A VITÓRIA
DO POVO
DO ZIMBABWE
É FRUTO
DA LUTA ARMADA,
DA UNIDADE E DO
INTERNACIONALISMO**

16

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

PREFÁCIO

A luta do Povo do Zimbabwe pela sua liberdade tornou-se desde muito cedo, para o Povo moçambicano, a sua própria luta. Razões políticas, históricas e geográficas, fizeram com que fosse em relação à questão zimbabweana que se manifestou em grau mais elevado o sentido internacionalista do nosso Povo, forjado durante a luta armada de libertação nacional e definido desde sempre como um dos princípios mais importantes da nossa linha política.

Ainda muito antes da Independência nacional, o Povo moçambicano não hesitou em verter o seu suor e o seu sangue para apoiar a luta do Povo irmão do Zimbabwe. Para que o Zimbabwe fosse livre, o nosso Povo sofreu massacres, agressões, destruição sistemática dos seus bens, actos de terrorismo e de subversão — sem que, por um só momento, vacilasse a sua determinação. Pelo contrário, a cada golpe do inimigo mais se reforçava a nossa convicção de que só seríamos totalmente independentes quando o Zimbabwe fosse livre.

Por isso, a vitória do Povo do Zimbabwe é também uma vitória do nosso Povo, é uma vitória do internacionalismo militante que une todos os povos em luta pela sua libertação.

No grandioso comício popular que se realizou na Praça da Independência, em Maputo, em 23 de Dezembro de 1979, para festejar o sucesso obtido pela Frente Patriótica na Conferência de Londres, o Presidente Samora Machel analisou o significado profundo dessa vitória e também os perigos que ainda podem comprometer, nesta fase, a libertação total do Povo do Zimbabwe.

O texto agora publicado em brochura pelo DTIP é o do discurso proferido nessa ocasião pelo dirigente máximo da Revolução Moçambicana — texto que se reveste de importância fundamental para compreendermos a questão zimbabweana e a nossa posição perante esse conflito de tão amplas repercussões para a paz na nossa zona e em todo o mundo.

Senhores Deputados,
Senhores membros do Conselho de Ministros da
República Popular de Moçambique,
Senhores Convidados,
Corpo Diplomático acreditado na República Popular
de Moçambique,
Compatriotas:

Estamos aqui reunidos para dizer: o regime do tabaqueiro já acabou. Abaixo o tabaqueiro. Smith já não manda, Smith já não pode agredir a República Popular de Moçambique. Smith foi derrotado, Smith ficou registado na história da vergonha.

Estamos aqui para dizer: o regime de Smith/Muzorewa deixou de existir. Muzorewa já não governa. Muzorewa foi a Londres para assinar a certidão de óbito do seu trabalho e do seu governo, Muzorewa foi reconhecer a ilegalidade do seu governo, foi reconhecer que as eleições foram uma farsa, foi reconhecer o seu fantochismo.

No comício que fizemos na Praça dos Heróis Moçambicanos em Julho de 1976, condenámos a agressão contra Mapai, a escalada da agressão, e dissemos «não faremos mais comícios para condenar agressões». Afirmámos: só voltaremos a fazer comício para comemorarmos a vitória do Zimbabwe.

É o que estamos a fazer hoje. O colonialismo e o racismo, o regime rebelde deixaram de existir, foram para o caixote de lixo da História.

Vivemos esta situação da vitória durante a década de 70. Foram para o caixote de lixo da história: os fantoches de Saigão, os feudais do Afeganistão, o Xá da Pérsia, os regimes corruptos que viviam do crime, Pol Pot no Kampuchea, Somoza na Nicarágua, Amin no Uganda, Macias na Guiné Equatorial, Bokassa no Império Centro-Africano. Todos eles se encontram hoje na companhia de Smith, derrubados pelo Povo.

Vimos aqui para saudar a vitória do Povo do Zimbabwe. O Povo do Zimbabwe foi mais forte do que os enforcamentos. A coragem do Povo do Zimbabwe foi mais forte do que as prisões, os campos de concentração, as torturas e os massacres feitos pelo regime rebelde e racista da Rodésia. O Povo do Zimbabwe fez a guerra para conquistar a liberdade e a independência. O Povo do Zimbabwe fez a guerra para liquidar o racismo, impor a justiça. O Povo do Zimbabwe fez a guerra para construir a paz, para construir o progresso.

Saudamos o Povo do Zimbabwe pela sua coragem, saudamos o seu heroísmo, a sua vitória.

O Povo do Zimbabwe venceu porque foi capaz de pegar em armas e aceitar o sacrifício máximo. É o mérito histórico da Frente Patriótica, é o mérito histórico da ZANU e da ZAPU, é o mérito histórico dos Presidentes Joshua Nkomo e Robert Mugabe, que souberam dizer ao Povo do Zimbabwe «é preciso pegar em armas, é preciso aceitar sacrifícios para conquistar a liberdade, a independência, a dignidade, a personalidade de zimbabweanos, a paz».

Com particular emoção e carinho saudamos os combatentes do Zimbabwe, aqueles que nas longas marchas, na fome, na sede, aqueles que nas privações e muitas vezes com o seu sangue, foram construindo a liberdade da sua pátria.

Saudamos com calor esses filhos mais queridos do Povo do Zimbabwe. Inclina-mos, com muito respeito, perante a memória de todos aqueles que

tombaram nas prisões, nos campos de batalha, nos massacres.

As suas famílias dizem que as acompanhamos na dor do luto e no orgulho do heroísmo.

Ao saudarmos a vitória do Povo do Zimbabwe, queremos lembrar que a luta não terminou, mesmo se as armas se vão calar. As manobras do inimigo, as manobras do imperialismo, as manobras dos racistas e reaccionários renitentes prosseguirão. O inimigo, mesmo quando derrotado, procura sempre recuperar o que perdeu. O inimigo, quando é desalojado das suas posições, tenta sempre recuperá-las, utilizando novas máscaras, novas táticas e novos agentes.

A independência total e completa do Zimbabwe, o estabelecimento de um governo democrático e soberano, ainda não se efectivou.

Na unidade de todo o Povo, na unidade, sobretudo, entre aqueles que combateram, encontrar-se-á a força necessária para se desmascarar e neutralizar as manobras do inimigo.

Neste processo difícil, o Povo do Zimbabwe continuará a contar com a solidariedade total de todos aqueles que o apoiaram na sua luta de libertação. Estarão com o Povo do Zimbabwe em primeiro lugar os países da Linha da Frente, a África estará com o Zimbabwe, as forças anticolonialistas e anti-racistas, as forças do progresso e da paz estarão com o Zimbabwe.

Toda a Humanidade esteve com o Zimbabwe no combate contra o regime minoritário, racista, rebelde e criminoso de Salisbúria, que durante 14 anos constituiu uma afronta, um insulto à consciência universal, à comunidade das nações.

Em toda a parte o regime de Salisbúria foi denunciado, foi condenado, foi isolado.

Nenhum país, mesmo aqueles que directamente foram responsáveis pela sobrevivência da rebelião, ousou reconhecer o regime. A luta do Povo do Zimbabwe constitui uma vitória dos povos do mundo

contra o colonialismo e o racismo. Para essa vitória contribuiu a solidariedade internacional. As Nações Unidas, o Conselho de Segurança, a Assembleia Geral, os seus órgãos especializados, prestaram apoio político e material à luta de libertação do Povo do Zimbabwe. A África, a OUA desde a sua criação, sempre se preocupou com a defesa dos direitos do Povo do Zimbabwe.

A OUA, no campo internacional, foi a força de vanguarda para manter isolado o regime racista e mobilizar o apoio para a luta de libertação nacional.

Os Países Não-Alinhados continuamente exprimiram a sua solidariedade activa com o Povo do Zimbabwe. Ainda recentemente, em Havana, na 6.ª Cimeira, a Frente Patriótica do Zimbabwe foi admitida como membro pleno do Movimento, o que testemunha a amplitude e o nível do apoio dos Não-Alinhados.

Os países socialistas prestaram apoio para o desenvolvimento da luta de libertação nacional do Zimbabwe e contribuíram para o reforço da capacidade defensiva dos Países da Linha da Frente, retaguarda segura da luta do Povo do Zimbabwe. Dizemos obrigado.

Os Países da Linha da Frente constituíram a retaguarda da luta de libertação. A Tanzânia, embora não fazendo fronteira com a colónia da Rodésia do Sul, foi o suporte seguro, o grande reservatório de formação de quadros. Para cumprir esse dever de solidariedade, os Países da Linha da Frente tiveram que consentir sacrifícios e fazer face a numerosas agressões. Em Botswana, na Zâmbia, em Angola, em Moçambique, largos milhares de cidadãos foram massacrados pelo inimigo.

Compatriotas,

O nosso sangue misturou-se com o sangue do Povo do Zimbabwe. Sentimos como nossa, por isso, a vitória do Povo do Zimbabwe.

Durante a luta de libertação do Zimbabwe, o Povo moçambicano viveu um dos momentos mais altos do seu espírito e prática internacionalistas. Através dos seus sacrifícios e sangue inscreveu na História a sua contribuição para a causa da solidariedade entre os povos.

Em 1972, ainda durante a guerra popular de libertação nacional, entregámos aos combatentes do Zimbabwe as nossas armas, as nossas munições. Nesse período, treinámos nas nossas bases muitos combatentes, recebemos nas nossas zonas libertadas populações zimbabweanas que fugiam à repressão.

O nosso Povo transportava à cabeça, sob os bombardeamentos, desde a fronteira da Zâmbia até ao Zimbabwe, o abastecimento para os combatentes zimbabweanos. O nosso Povo transportava alimentação para os guerrilheiros, as armas e as munições para os combatentes, os medicamentos, e os feridos eram evacuados por nós. Nos nossos hospitais das zonas libertadas, os feridos eram tratados.

Quando atravessámos o Zambeze e estendemos a luta por Manica e Sofala, os racistas rodesianos encheram-se de pânico. Smith foi a Lisboa. Ele foi criticar a incapacidade do exército português. Foi propor que as suas forças aumentassem o seu envolvimento na guerra de agressão, controlassem as fronteiras, guarnecessem as vias férreas.

Em 1974, o Povo moçambicano derrotou o colonialismo português. Essa derrota foi decisiva para a destruição da estratégia imperialista e racista na África Austral. O inimigo teve que procurar uma nova estratégia. Os representantes dos regimes racistas contactaram os Países da Linha da Frente para propor uma solução pacífica para o Zimbabwe. Moçambique e os outros Países da Linha da Frente responderam: «compete ao Povo do Zimbabwe a resolução dos seus problemas».

E acrescentaram: «libertem os dirigentes do Zimbabwe para poderem negociar com eles». Foram

libertados o Presidente Joshua Nkomo, o Presidente Robert Mugabe, Ndabaningi Sithole, Edgar Tekere, Lazarus Ngala, Joseph Msika e muitos outros saíram das prisões.

Foi o primeiro ponto que dissemos aos racistas. Em segundo lugar dissemos-lhes: «As tropas e a polícia sul-africanas devem retirar-se do Zimbabwe para que os zimbabwuanos tenham condições para resolver os seus problemas sem ingerência externa». E as tropas e a polícia sul-africanas retiraram-se antes de Março de 1975.

Dissemos-lhes também: «Deve haver uma Conferência Constitucional que conduza o Zimbabwe para a independência». Pela primeira vez em Agosto de 1975, em Victoria Falls, Smith negociou com os representantes do Povo, negociou com a ZAPU e a ZANU, unidas no seio do ANC dirigido pelo actual traidor Abel Muzorewa. Estiveram lá Muzorewa, Sithole, Chikerema, actuais «black ministers», Vorster esteve presente.

Mas Smith não procurava a paz. Queria apenas evitar o seu derrubamento inevitável. Por isso, a sua tática foi provocar divisões no seio do movimento nacionalista, por isso as conversações de Victoria Falls fracassaram.

Em Victoria Falls ficou claro que Smith era intransigente, realmente tabaqueiro, realmente irresponsável. Ficou claro que Smith representava os interesses dos colonos renitentes, ficou claro que Smith não queria um Zimbabwe de paz, ficou claro que Smith não estava preparado para aceitar um Zimbabwe independente, que não estava em condições de passar o poder para a maioria.

Ao Povo do Zimbabwe só restava a possibilidade de pegar em armas e combater.

Os Países da Linha da Frente, a Zâmbia, a Tanzânia e o Botswana — Angola ainda não estava independente — pediram a Moçambique para ajudar a organizar o reinício da luta armada no Zimbabwe.

Nós pusemos como condição a unidade das

forças combatentes. Apoiamos sempre os que aceitam sacrifícios para libertar a pátria, apoiamos sempre os que combatem.

Os dirigentes dos exércitos da ZAPU e da ZANU decidiram formar o ZIPA, Exército Popular de Libertação do Zimbabwe.

Quando se criou a unidade dos combatentes, criaram-se as condições para a República Popular de Moçambique pôr o seu território à disposição dos que queriam libertar a Pátria oprimida.

Em 16 de Janeiro de 1976, a partir do nosso território, os combatentes do Zimbabwe reiniciaram de maneira unida o combate armado, com o inimigo bem definido.

Em 3 de Março de 1976, poucos meses depois da proclamação da independência, decidimos encerrar todas as fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul, aplicar integralmente as sanções decretadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Ao fazermos isso, tomámos uma decisão com grande profundidade política, uma decisão extremamente oportuna. Essa decisão exigiu coragem do nosso Povo e do nosso Estado. Com menos de um ano de independência e paz e apesar das nossas dificuldades económicas, do desemprego, soubemos dar a prioridade ao principal. Não demos a Smith o tempo de se consolidar, não demos a Smith a possibilidade de fazer do nosso País sua dependência.

Em menos de 4 anos os factos demonstraram a justeza da nossa decisão. Obrigado Povo moçambicano.

Assim, o nosso Povo cumpria o seu dever internacionalista, aplicava as decisões da OUA e da comunidade internacional, apoiava a luta de libertação do Povo do Zimbabwe.

Face às posições assumidas pelo nosso Partido, pelo nosso Povo, pelo nosso Estado, de novo o inimigo procurou negociar. A nossa solidariedade per-

mitia à luta do Povo do Zimbabwe desenvolver-se amplamente. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos organizaram então a Conferência de Genebra.

Smith e os seus patrões conseguiram recrutar alguns agentes. Mas os combatentes apareceram unidos em Genebra, sob a bandeira da Frente Patriótica.

Não era possível ao inimigo explorar a divisão, porque os combatentes tinham uma bandeira única, a Frente Patriótica, representante legítima dos interesses mais profundos do Povo do Zimbabwe. Então a Grã-Bretanha, unilateralmente, decidiu pôr termo à Conferência de Genebra e esta fracassou.

O inimigo, com os traidores recrutados em Genebra, organizou a farsa do Acordo Interno. Smith entregou a Muzorewa a corda que enforcava os patriotas zimbabwianos. Muzorewa passou a abençoar o exército criminoso, passou a abençoar as armas da NATO, as armas do crime, passou a abençoar os aviões que semeavam a morte. E Muzorewa aceitou continuar a enforcar os patriotas, a agredir os Países da Linha da Frente.

Os verdadeiros patriotas prosseguiram o combate. A luta armada desenvolveu-se impetuosamente. As sanções começaram a ter os seus efeitos na economia da colónia britânica, colónia rebelde.

De novo a Grã-Bretanha e os Estados Unidos propuseram conversações. As conversações de Malta fracassaram porque Smith e os seus patrões quiseram contrapor aos combatentes o chamado Acordo Interno, porque Smith e os seus patrões queriam mascarar de preto a face do regime colonial minoritário, racista e rebelde.

As manobras não impediram o desenvolvimento da luta armada e a desagregação da economia colonial.

Uma vez mais o inimigo teve que pedir conversações, desta vez tiveram lugar em Londres, desta vez as conversações terminaram com o Acordo que foi assinado no dia 21 de Dezembro de 1979.

Queremos dizer, os factores decisivos da vitória foram:

1. A constituição da Frente Patriótica.
2. A luta armada de libertação nacional.
3. A aplicação integral das sanções.
4. O apoio e a solidariedade internacional.

Neste processo, todo o nosso Povo manteve-se firme como retaguarda segura da luta do Povo do Zimbabwe. Por isso o inimigo sempre nos quis destruir, cometeu todo o tipo de agressões e massacres contra o nosso Povo, os seus aviões bombardearam o nosso País, os seus helicópteros e aviões lançaram tropas assassinas no nosso País, mercenários de diversas nacionalidades vieram cometer massacres no nosso País. Transformaram o nosso País em carreira de tiro.

Renegados do nosso Povo, antigos PIDE's OPV's, ANP's, Comandos, GE's, GEP's, foram recrutados por Smith para virem massacrar o nosso Povo.

O nosso Povo não vacilou, não se deixou amedrontar, não se deixou aterrorizar. Cada ataque do inimigo fez crescer a unidade nacional. A dor que sentimos pelos nossos mortos cimentou a nossa determinação.

Mais uma vez soubemos tirar lições das manobras e crimes do inimigo. Porque o inimigo nos atacou, soubemos aprender na grande escola da guerra. Em três anos, construímos um exército popular poderoso, que pune e rechaça severamente as maiores agressões como, por exemplo, Chókwè, Mapai, Chimoio, Gorongosa.

Soubemos desenvolver o nosso sentido de vigilância popular, organizar as nossas Milícias Populares, os nossos Grupos de Vigilância que contam já com mais de 150 000 membros.

O inimigo foi detectado, os agentes denunciados e capturados. A captura pelo povo dos agentes Cotoi, Conjane e Jambo é um dos muitos exemplos do crescimento da nossa vigilância popular.

Soubemos reforçar a unidade constante entre o povo e as FPLM, entre o povo e o SNASP, e os órgãos estatais de segurança.

As agressões do inimigo não nos afastaram do nosso dever internacionalista de solidariedade. O nosso Povo tornou-se mais próximo do Povo do Zimbabwe, o nosso Povo viveu no dia-a-dia a política internacionalista do nosso Partido.

Os nossos tambores, as nossas canções, os nossos poemas, o nosso teatro diziam ZIMBABWE. As destruições semeadas pelo inimigo fizeram-nos criar o Banco de Solidariedade. O Banco de Solidariedade foi e é uma grande escola de **Unidade Nacional e de Internacionalismo**. Além do Banco de Solidariedade, demos numerosas contribuições para o reforço da capacidade defensiva da nossa Pátria.

O amplo movimento de massas para o reforço da capacidade defensiva demonstra o alto nível de consciência e da responsabilidade do nosso Povo. Ele ultrapassou as nossas fronteiras. Cooperantes, organizações de solidariedade de vários países, trabalhadores de outros países, enviaram as suas contribuições para o reforço da nossa capacidade defensiva. Muito obrigado.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou uma resolução apelando a todos os Estados para que contribuíssem para o reforço da nossa capacidade defensiva. Obrigado aos que o fizeram.

O inimigo veio atacar-nos na nossa casa, disse que vinha perseguir os zimbabwuanos. Nós dissemos: vamos perseguir o ladrão que nos invade a casa. Dissemos: Ian Smith convida-nos para participar na luta no Zimbabwe ao atacar Moçambique. Aceitámos o convite. Recordam-se?

Muitos combatentes das F.P.L.M. ofereceram-se para ir lutar ao lado do Povo do Zimbabwe. Entre os veteranos da guerrilha, foram muitos os voluntários. Temos orgulho de dizer que mais de 350 combatentes moçambicanos se encontram hoje no Zimbabwe, afirmando-se como combatentes internacio-

nalistas. Mais de 500 participaram na luta do Zimbabwe.

Durante a guerra contra o colonialismo português forjaram-se os Heróis da Libertação Nacional.

A nossa Independência foi conquistada com guês forjaram-se os Heróis da Libertação Nacional. gem e decisão. A nossa Independência foi fertilizada com a coragem das nossas mães, das nossas mulheres, dos nossos filhos.

Essa coragem floresce hoje no rosto digno dos pais cujos filhos se sacrificaram, no rosto digno das viúvas, no futuro sereno dos órfãos. Essa coragem, essa dignidade, esse futuro, só a Independência poderia trazer.

A consolidação desta independência tão duramente conquistada exigiu mais uma vez enormes sacrifícios, exigiu mais uma vez que o sangue de muitos moçambicanos regasse de novo o solo do nosso País, sangue que regou as nossas fronteiras, sangue que se alastrou até ao coração do Zimbabwe.

Os nossos soldados foram para o Zimbabwe defender o nosso País. Smith transferiu a guerra para Moçambique e era preciso devolvermos. O melhor combate é no terreno do inimigo. Então dizemos: foram para o Zimbabwe para defender o nosso País. Não foram para lá como mercenários. Não!

Eles ofereceram-se voluntariamente para deter a escalada de agressões do inimigo que nos queria aniquilar.

É por isso que dizemos: o inimigo fez-nos crescer, o inimigo fez-nos ultrapassar a dimensão nacional, o inimigo fez-nos ganhar a honra de termos agora na nossa História **Heróis Internacionalistas**. Aqueles que nunca morrem, os eternos, são esses! Temos que dizer: obrigado Povo moçambicano, Povo trabalhador, Povo internacionalista, Povo talentoso, Povo pacífico. Obrigado pelo exemplo de Unidade Nacional, obrigado pelo internacionalismo proletário vivido, obrigado pelo apoio fraternal ao Zimbabwe.

Quando dizemos obrigado, também dizemos

obrigado às mães e pais que ficaram sem filhos. Quando dizemos obrigado, também dizemos obrigado às mulheres que ficaram viúvas. Quando dizemos obrigado, também dizemos obrigado às crianças que ficaram sem pais.

Quando em 1964 começámos a guerra, foi preciso que alguns de nós aceitassem sacrifícios no combate directo e no combate clandestino. De novo, para que a paz, para que a integridade territorial, para que a soberania, para que a liberdade, para que a Independência se consolidasse, foi necessário mais uma vez que alguns de nós se sacrificassem.

Queremos dizer ao nosso Povo que para defender a integridade do nosso território, as nossas fronteiras e apoiar os nossos irmãos, 1338 moçambicanos foram mortos pelo inimigo, dos quais 567 das Forças Armadas e dos órgãos de segurança estatal; 1538 moçambicanos foram feridos pelo inimigo, dos quais 764 das Forças Armadas e dos órgãos de segurança estatal; 751 patriotas foram raptados pelo inimigo ou desapareceram, entre eles uma centena das Forças Armadas e dos órgãos de segurança estatal. No Zimbabwe, já no território zimbabweano, sacrificaram-se para defender o nosso Povo e em nome do internacionalismo, 24 camaradas; 6 ficaram feridos; 2 foram feitos prisioneiros pelo inimigo. Esperamos que a Grã-Bretanha no-los devolva.

Queremos pedir a todos: em memória das populações e combatentes que deram as suas vidas no Botswana, na Zâmbia, em Angola, no Zimbabwe e em Moçambique para que o Zimbabwe seja livre e independente, **UM MINUTO DE SILÊNCIO.**

Muito obrigado a todos.

«Sempre unidos, lancemos o assalto final. Internacional será o Homem de amanhã». São estas as últimas palavras da Internacional que acabámos de ouvir. Estas palavras traduzem o que queremos construir, o Homem Novo, o Homem livre da exploração, o Homem que constrói o seu destino, o Homem socialista.

Aqueles cujas memórias acabámos de evocar, deram as suas vidas pela liberdade, pela paz.

Falar da paz na África Austral só é possível porque o vento da liberdade já sopra nesta nossa zona. Falar de paz e liberdade só é possível porque hoje, também na África Austral, se constrói o socialismo.

Onde se constrói o socialismo fortalecem-se as forças da paz. Surgem as forças mais consequentes na defesa da paz.

Nós queremos paz na África Austral, queremos paz no mundo, os povos precisam de paz. Nós defendemos a paz na África Austral, somos os portadores da bandeira da paz. Por isso nos batemos pela coexistência pacífica, pelas relações de boa vizinhança entre todos os Estados da África Austral.

A política de paz é inseparável do direito dos povos à Independência e à livre escolha da sua via de desenvolvimento. Onde não há liberdade, onde não há democracia, onde não há igualdade, há conflitos. Houve uma guerra no Zimbabwe porque o povo estava oprimido, discriminado, porque o povo estava segregado, porque o povo estava humilhado.

Nós apoiámos a luta do Zimbabwe com um só objectivo, repetimos, um só interesse: a existência de um Zimbabwe unido, realmente independente, democrático, estável, defensor da paz.

Os sacrifícios que todos fizeram pelo Zimbabwe não eram para determinar o futuro do Zimbabwe: o futuro do Zimbabwe compete ao seu Povo construí-lo, o governo do Zimbabwe compete exclusivamente ao seu povo escolhê-lo. É o maior privilégio, honra e direito inalienável de cada povo eleger livremente os seus dirigentes, escolher livremente a sua via de desenvolvimento.

Celebramos a paz que se estabelece no Zimbabwe, mas temos apreensões, temos receios. Receamos que as forças racistas, os reaccionários renitentes tentem um golpe de força para impedir o processo democrático das eleições. Receamos que

as forças racistas, os reaccionários renitentes, tentem um golpe de força para neutralizar e falsificar resultados que lhes sejam desfavoráveis nas eleições. Receamos as manobras e até eventuais intervenções armadas do imperialismo e dos seus homens de mão para privar o Povo do Zimbabwe das conquistas da Luta Armada.

Estas são ameaças contra a paz na África Austral. Devemos estar organizados para garantir a paz e a vitória do processo democrático. A força principal neste combate é a Unidade do Povo do Zimbabwe, o seu espírito patriótico. Esta será a fortaleza que rechaçará manobras e intervenções. Os Países da Linha da Frente, toda a África, toda a Comunidade Internacional, estão vigilantes, estão firmes no apoio ao Zimbabwe, estão determinados a impedir as manobras e intervenções dos imperialistas e seus agentes.

Queremos que a paz seja um instrumento para acelerar o desenvolvimento dos nossos povos. Com a paz, com a derrota do regime colonial-racista, os reaccionários, os nossos inimigos, perderam a sua grande esperança.

A Rádio Quizumba já não poderá ficar no Zimbabwe. Os ouvintes que gostavam, ficarão sem ela. Aqueles que escutavam a Quizumba para espalhar boatos e intranquilidade, tenham «pena» deles. Os renegados já não podem fazer do Zimbabwe sua base segura para perturbar a nossa vida com os seus crimes.

Os agentes já não podem ser abastecidos pelos aviões e helicópteros que vêm do Zimbabwe. Para aviões e helicópteros que vêm do Zimbabwe. Para onde? Os reaccionários da China, da Coreia, da República Democrática Alemã fugiram para onde? Os reaccionários da ex-Saigão, hoje Ho Chi Minh, fugiram para onde?

Aqueles que faziam de Cuba o seu cabaré, o seu casino, fugiram para onde?

E os nossos aqui, fugiram para onde?

Continuarão a fugir, porque os reaccionários não têm pátria, não têm cor, não têm raça, não têm povo.

Mas a reacção não foi definitivamente esmagada. Vai procurar reorganizar-se. Ontem, a reacção dizia que o encerramento das fronteiras era prematuro, que éramos irrealistas, radicais, aventureiros, que afundaríamos o país, que íamos ser derrotados pelo Smith.

Hoje ela já não pode dizer isso. Vai talvez dizer que não somos suficientemente revolucionários. Ontem dizia-se que os nossos sacrifícios eram inúteis, que exigíamos demasiados sacrifícios ao nosso Povo que acabava de sair da guerra, que o Zimbábwe não se libertaria. O que vai inventar hoje? Pouco importa.

A reacção perdeu uma batalha, ela vai tentar recuperar o terreno utilizando as suas velhas armas.

Lançará novos boatos e rumores, para desmobilizar o povo, inventará novas calúnias para desprestigiar os dirigentes do povo, procurará criar agitação para semear a intranquilidade, planeará novas acções para dividir o povo, utilizando, como sempre, o racismo, o tribalismo, o regionalismo. Seremos intransigentes: intransigentes na defesa da unidade nacional; intransigentes na defesa da soberania e integridade territoriais; intransigentes para construir a felicidade; intransigentes para construir o progresso, o bem-estar social e psicológico; intransigentes para garantir a tranquilidade, a ordem, o sossego; intransigentes na defesa da justiça constitucional; seremos intransigentes no nosso direito e dever de construir o socialismo na nossa Pátria; intransigentes em manter alta a bandeira do internacionalismo proletário e da solidariedade com todos os povos; intransigentes na defesa da paz.

Vamos continuar a batalha para vencer o subdesenvolvimento, vamos continuar a batalha do cumprimento das metas do plano.

Em cada província e em cada localidade, em cada fábrica, grande ou pequena, em cada machamba estatal, em cada Aldeia Comunal, em cada escola, hospital, em cada repartição, em cada cooperativa, em cada machamba familiar, em cada unidade privada, vamos criar as zonas verdes em cada cidade.

Em toda a Nação, bater-nos-emos pelo cumprimento do plano. Por isso vamos ser exigentes: Exigentes na organização, exigentes na planificação, na programação, no cumprimento das metas. Seremos exigentes nas escolas, nos hospitais, nas repartições, nas fábricas contra a inércia e o imobilismo; exigentes na pontualidade, exigentes na higiene, exigentes na cortesia; exigentes contra os preguiçosos mentais e físicos, exigentes contra os desmazelados, contra os desleixados, contra os relaxados, exigentes contra o esbanjamento, exigentes contra a má utilização dos carros e sua destruição, exigentes contra a má utilização dos bens do Estado e do Povo, exigentes na disciplina de ferro. Vamos ser exigentes na prestação de contas.

Queremos que os dirigentes prestem contas, queremos que os professores prestem contas, queremos que os enfermeiros prestem contas, queremos que os alunos prestem contas, queremos que cada trabalhador preste contas.

Queremos que cada um seja responsável pela execução da sua tarefa.

Para defender as nossas conquistas, vamos reforçar a vigilância popular. Vamos reforçar os Grupos de Vigilância, vamos reforçar as Milícias Populares, vamos reforçar os órgãos estatais de segurança, vamos reforçar as Forças Armadas para que sejam cada vez mais poderosas, modernas e organizadas.

Para promover a paz e a cooperação internacional, para promover o nosso desenvolvimento, estreitaremos as relações com os outros países socialistas, estreitaremos as relações com os Países

da Linha da Frente, estreitaremos as relações com os nossos vizinhos, com todos os Estados africanos, com os Países Não-Alinhados.

Promoveremos a cooperação e a amizade com todos os países, independentemente dos seus sistemas sociais, na base do respeito mútuo da soberania, da igualdade, da não ingerência nos assuntos internos, da vantagem mútua.

Compatriotas,

Em 3 de Março de 1976, em cumprimento das Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, aplicámos integralmente as sanções contra o regime racista minoritário e rebelde da colónia britânica da Rodésia do Sul.

A aplicação das sanções representou um pesado sacrifício para o nosso Povo: milhares de moçambicanos ficaram desempregados e tiveram que mudar de tarefa; numerosas empresas foram afectadas. As Nações Unidas calculam que os prejuízos que sofremos são superiores a 550 milhões de dólares, isto é, cerca de 18 milhões de contos; as destruições provocadas pelas agressões custam ao nosso País mais de um milhão e meio de contos.

Com 17 milhões de contos poderíamos ter ao mesmo tempo: uma grande fábrica de tecidos; 10 escolas técnicas; 2 bons hospitais centrais; 1 bom centro sanitário para cada distrito; 1 000 tractores; 200 camiões; 100 locomotivas; 1 grande fábrica de alfaias agrícolas para produzir todo o tipo de alfaias agrícolas (charruas, enxadas, foices, etc.); poderíamos levar a electricidade de Cahora Bassa até Pemba.

Outro exemplo: Com 17 milhões de contos poderíamos construir ao mesmo tempo: a barragem dos Pequenos Libombos; a barragem da Corumana; a barragem de Mapai; 1 grande fábrica têxtil. Com estas construções, milhões de moçambicanos teriam melhor comida, estariam melhor vestidos.

Com estas construções não teríamos as bichas

que temos. Com estas construções obteríamos divisas para comprar aquilo que ainda não produzimos.

Não discutimos o sacrifício. Ele valeu a pena. O Zimbabwe vai ser independente, a Rodésia rebelde deixou de existir.

No dia 21 de Dezembro, a Frente Patriótica assinou com a Grã-Bretanha os Acordos de Londres, que estabelecem o cessar-fogo, que estabelecem o processo que vai conduzir à independência em Março do próximo ano.

No dia 21 de Dezembro, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a Resolução que levanta as sanções contra a colónia britânica da Rodésia do Sul.

Nestas circunstâncias, e em cumprimento da legalidade internacional, a República Popular de Moçambique declara levantadas as sanções contra a colónia britânica da Rodésia do Sul, a partir das 00.00 horas do dia 24 de Dezembro.

As autoridades competentes da República Popular de Moçambique empreenderão imediatamente as acções necessárias para garantir, o mais rapidamente possível, o restabelecimento das comunicações, dos transportes aéreos e terrestres e do tráfego de pessoas e mercadorias entre o nosso País e a colónia britânica da Rodésia do Sul.

Compatriotas,

Surge a esperança de paz quando vamos iniciar a nova Década de combate, a Década da liquidação do subdesenvolvimento: a Década da eliminação da fome, da nudez e da miséria; a Década da eliminação da doença e do analfabetismo; a Década da industrialização; a Década da mecanização da agricultura; a Década do socialismo em Moçambique.

A vitória organiza-se, a vitória prepara-se.

A Revolução Vencerá.

O Socialismo Triunfará.

A LUTA CONTINUA !

Tiragem: 20 000 exemplares
Registado no INLD sob o n.º 0116/INLD/80
Composto e impresso na Tip. «Notícias» — Maputo
República Popular de Moçambique
Janeiro de 1980

1980/1990 – DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO